

1021

Qual será a fórmula político-social de após guerra ?

Major XAVIER LEAL

O presente conflito mundial, envolvendo nações e continentes, tem, acima das influências de raça e das ambições territoriais e de matérias-primas, um característico fundo político: — ideológico. Está mais que sabido que esta luta é uma luta de ideologias. Os fatores: — raça, matérias-primas, território, riquezas, figuram nos motivos da contenda, até onde podem influir no motivo principal, como complemento, e, por outro lado, como resultado das maquinações de um cérebro alucinado que procurou durante muito tempo os melhores artifícios e os mais atraentes argumentos para justificar a sua obsessão, a sua megalomania e a melhor maneira de convencer e arrastar o seu povo e outros povos a supostas reivindicações e desforras. Entretanto, para os observadores da evolução político-social do mundo, a partir de 1935, tudo indicava o choque próximo entre doutrinas ideológicas antagônicas, choque êsse que haveria de assumir proporções catastróficas, como de fato está acontecendo.

— Democracia, Comunismo, Totalitarismo, três fórmulas do quadro político social dêste século, procuravam sobreviver, impôr-se e destruir-se reciprocamente. A permanência em comum dessas doutrinas, o seu domínio simultâneo, como não podia deixar de acontecer, trouxe a intranquilidade e a efervescência política para o mundo; do mesmo modo que, nos primórdios da civilização, a luta entre os homens se situou no plano da existência individual, a luta do século XX se situou no plano da sobrevivência das nações. As teorias e dou-

trinas políticas que vinham amadurecendo, após as reações e aceitação nos seus próprios ambientes, expandiram-se e tentaram infiltrar-se em outros ambientes, encontraram acolhida em alguma parte, repulsa em outros setores, lançaram a confusão em muitos espíritos e explodiram afinal no mais tremendo conflito que a História tem registado.

Esta guerra é, pois, antes de outra classificação, uma guerra ideológica. Qual será a ideologia vencedora ou quais serão as consequências político-sociais de após guerra. Não é preciso ser sociólogo ou profeta para prever que a fórmula democrática vencerá. As Nações Unidas, contudo, estão representadas na luta pela combinação Democracia-Comunismo, englobando ainda um regimen político *sui-generis*, qual o regimen brasileiro, que poderemos classificar como um regimen democrático-autoritário, uma democracia em que, por necessidades ambientais, por força das circunstâncias, o Chefe do Executivo centraliza uma grande soma de poderes. A questão de nome — Democracia-autoritária, Governo centralizado ou Estado-Novo não influi; o fato é que a nossa atual fórmula de govêrno representa o meio termo entre os regimens democráticos e totalitários, modalidade inteligente e essencialmente brasileira. Se, pois, as Nações Unidas representam a aliança de três sistemas político-sociais diferentes, aí incluindo o nosso sistema, como, então, prever qual a fórmula vencedora? O que parece à primeira vista uma afirmação sem base, pode, no entanto, ser explicado à luz da observação e do raciocínio. Das três fórmulas político-sociais resultará, por intermêmentos e pactos, forçosamente, a fórmula meio termo, cujo nome, como no caso brasileiro, não influirá, mas que assumirá o aspêto Democrático: — Democracia-social, Democracia-autoritária ou Social-Democracia, não importa, mas Democracia. Até agôra, a marcha dos acontecimentos têm proporcionado as seguintes observações: —

1.º) — A vitória das Nações Unidas será consequência primeiramente do esforço bélico, do sacrifício e do superior

espírito de organização das duas grandes democracias — inglesa e americana.

2.º) — Embóra o esfôrço bélico haja recaído principalmente sôbre a Inglaterra e os Estados Unidos, particularmente a estes, não se poderá negar a formidável contribuição da Rússia e da China, assim como não se poderá deixar de levar em conta as suas respectivas ideologias.

3.º) — Por outro lado, as contribuições, em menor escala, porém firmes e decididas de países tais como o Brasil, a Noruega, a Dinamarca, a Grécia, etc., terão que ser levadas em conta no resultado final.

4.º) — Finalmente, do próprio chôque das ideologias antagonônicas surgirá uma fórmula conciliadora, que marcará uma nova etapa na política social do mundo.

Por outro lado, a Carta do Atlântico e o pacto anglo-russo por vinte anos, com aprovação norte-americana, não representam outra coisa senão as etapas preliminares da resultante político social de após guerra. Todas as nações aliadas contra o eixo tri-partite ou bi-partite aderiram à Carta do Atlântico ou ao pacto referido, preparando, dêsse modo, o ambiente, para a evolução social da política dos seus Governos. Este é o caminho para a fórmula de equilíbrio que surgirá fatalmente após o conflito. Para isso, estamos assistindo, desde já, praticamente, além das duas manifestações acima citadas:

1.º) — Os governos democráticos, para poderem governar em situação extraordinária como a presente e para poderem realizar o esfôrço bélico total, centralizarem uma grande parcela de poderes, seja por cessão em face do reconhecimento dessa necessidade, seja tomando ou absorvendo.

2.º) — Ainda os governos democráticos, por fôrça da experiência, transigindo em sua política econômica e financeira, o que, como sabemos, repercute, de certo modo, na política social.

3.º) — A doutrina comunista soviética evoluindo das suas condições ortodóxas e integrais para qualquer coisa de social-democracia: (isto é pelo menos o que têm escrito e in-

formado os observadôres e jornalistas, especialmente os americanos que têm visitado a Rússia durante a Guerra).

— Desta última observação é possível concluir que a *coexistência* do chamado perigo comunista após a vitória das Nações Unidas, perigo êsse que constituiu o motivo com o qual Hitler quis atrair a simpatia das nações indecisas, não passa de um argumento oriundo da ingenuidade, da ignorância ou da má fé; da ingenuidade dos seus adeptos que, parece, não observam os fatos; da ignorância dos que de boa fé vêm as cousas dêsse modo; e de má fé dos quinta-colunas que ainda procuram enfraquecer a opinião mundial contrária ao totalitarismo.

— Quanto à fórmula brasileira, esta, talvez, pela sua singularidade e pela sua provada sabedoria política, servirá — e disso nos sentimos orgulhosos — de padrão ou de exemplo para a nova transformação.

— E o totalitarismo? Este desaparecerá, por ser incompatível com a dignidade humana e com a liberdade de pensamento. Nesta fase da civilização, apesar das necessidades de governo, não é possível o Estado absorver completamente o indivíduo, a família e a religião.

